O OCCIDENTE

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

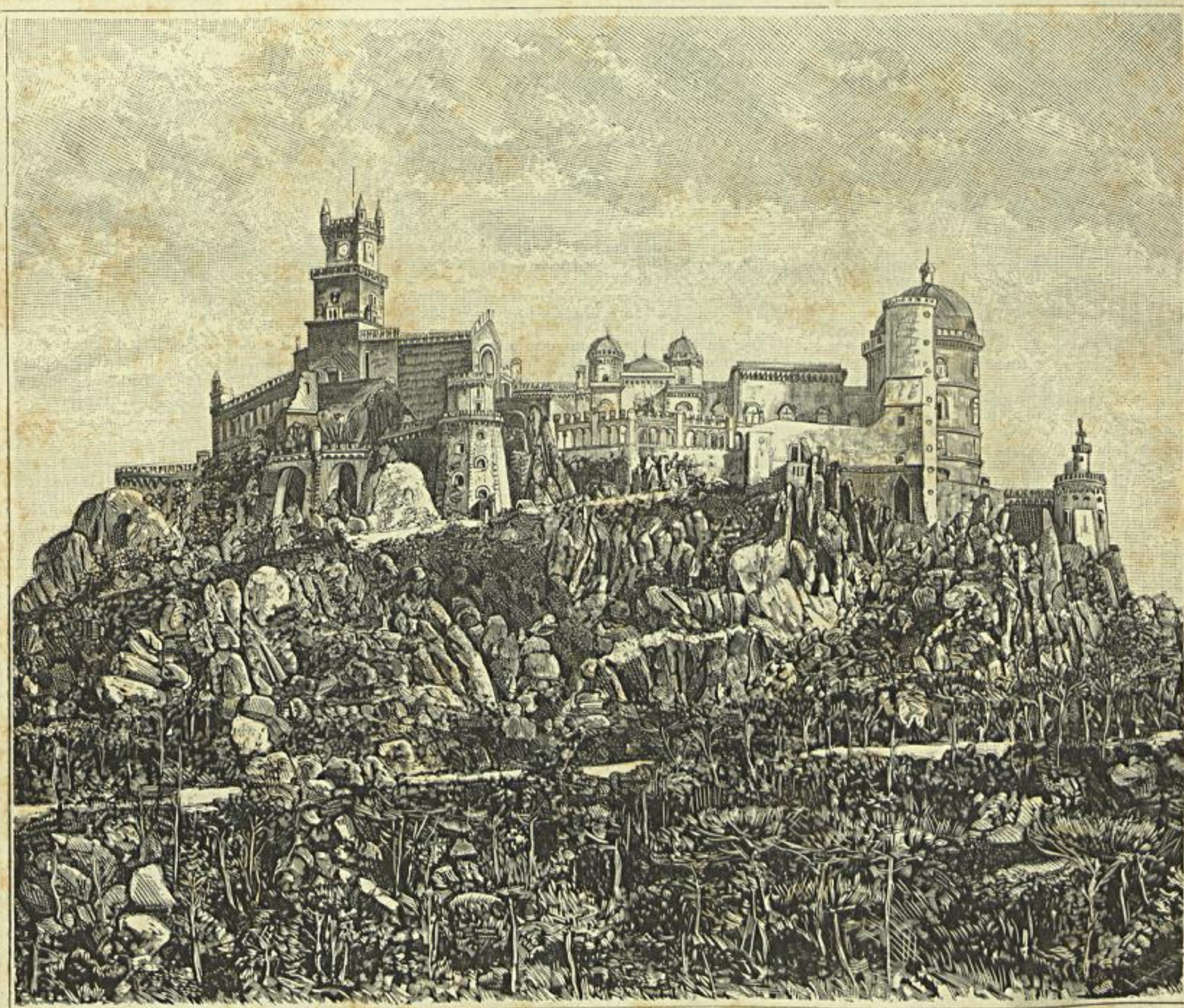
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 378

21 DE JUNHO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

O PALACIO DA PENA, QUE VAE SER ADQUIRIDO PELO ESTADO

(Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Decididamente nós vivemos no seculo dos prodigios.

O maravilhoso desappareceu completamente da litteratura contemporanea porque passou para a nossa vida real.

D'antes os theatros estavam cheios de magicas, e as livrarias cheias de contos de fadas: hoje as Mil e Uma Noites fazem parte da archeologia litteraria, e nos palcos as *féeries* ingenuas de ha trinta annos, com os seus alçapões e os seus *trucs* imaginosos, foram substituidas por *piecées à femmes*, pretexto para exhibição de mulheres bonitas e de scenarios deslumbrantes: a parte exclusivamente phantastica, sobrenatural, d'esses generos litterarios, que tiveram tanta voga, morreu, porque todas as maravilhas estravagantes em que se desentranhavam as imaginações mais ou menos ricas dos fazedores de *féeries* em livro ou em theatro, desde Perrault até ao sr. Oliveira ou o sr. Pessoa, empallideceram, succumbiram, perderam a razão de ser ao pé das maravilhas estravagantes, que a sciencia moderna vae todos os dias tornando verdades praticas no mundo real.

As invenções mais phantasticas que ha vinte, ha trinta, ha cincoenta annos faziam embasbacar o publico, são hoje as realidades mais triviaes da vida. O inverosimil passou a ser o verdadeiro, o que era d'antes o sobrenatural e maravilhoso é hoje o pão nosso de cada dia do nosso viver quotidiano.

A todo o momento, a todo o passo, estamos a esbarrar em *trucs* de magica tão maravilhosos como nunca os imaginou Clairvil, nem Siraudeu, nem Delacou, nem Cogniard.

O vapor transporta-nos em horas a centenares de leguas de distancia, o telegrapho leva o nosso pensamento n'uma duzia de minutos ás regiões mais longiquas, o telephone faz ouvir a nossa voz com o seu timbre pessoal, com todas as suas modulações e inflexões proprias e individuaes, de uma rua para a outra rua, d'um bairro para outro bairro, d'uma cidade para outra cidade, e já d'um paiz para outro paiz, e d'aqui a pouco, de uma parte do mundo para outra parte do mundo e não parou aqui a invenção maravilhosa d'esse auctor de magicas modernas que se chama Edison, foi mais longe ainda, e depois do telephone inventou o phonographo, depois de incurtar para a voz humana a distancia no espaço incurtou a distancia no tempo e do mesmo modo que nós hoje podemos fallar para quem está a mil metros longe de nós, podemos tambem fallar para quem hade vir mil annos depois de nós: «os mortos não fallam» passou de ser uma verdade indiscutivel a ser uma phrase de rhetorica, e d'aqui a cem annos, a duzentos annos, as gerações d'então poderão ouvir uma aria cantada pela Patti, um discurso pronunciado pelo Castellar, um monologo recitado pelo Coquelin, como nós hoje poderiamos perfeitamente ouvir uma aria da Malibran, um discurso de Mirabeau, uma *tirada* do Talma, se n'esse tempo o phonographo já existisse.

A electricidade matou perfeitamente o maravilhoso, transportando-o para os nossos usos mais vulgares da vida, desde a locomoção até á therapeutica.

Ninguem ignora já as curas prodigiosas que nas doenças mais graves a electricidade está operando.

E' de ha semanas ainda a noticia d'uma nova descoberta medica, a do curativo do cancro pelas correntes electricas. Essa descoberta é tão nova que ainda não está sanccionada pela chancella da pratica, mas as poucas experiencias que se tem feito tem sido todas triumphantes.

Em Lisboa ha um medico illustre, que eu não tenho a honra de conhecer pessoalmente, o sr. dr. Virgilio Machado, que com grande auctoridade scientifica se dedica especialmente ao estudo da electricidade, como agente therapeutico.

Em Paris está fazendo successo e fazendo fortuna um estabelecimento de electricidade onde por meio de choques e de correntes electricas se realisam os milagres, que d'antes, a ficção maravilhosa attribuia entre nós ao rio Jordão, e em França á agua de Juvence, os milagres do rejuvenescimento.

Por um processo da applicação da electricidade as rugas desapparecem do rosto, a pelle readquire o seu aveludado setinoso, os membros e as carnes o seu vigor juvenil e as velhas que entram n'esse estabelecimento saem de lá moças e garbosas como se d'um momento para o outro lhe tivessem tirado de cima uns bons cincoenta annos.

Agora vem-nos de Paris a noticia de mais uma descoberta extraordinaria, quasi inacreditavel e que não se poderia tomar a serio se não trouxesse por assignatura o nome d'um dos mais serios e illustres sabios da França, um dos mestres mais respeitados da Academia de Medicina de Paris, o celebre physiologista Brown Séquard.

Brown-Séquard, discipulo e successor do famoso Claude Bernard, depois de ter consagrado toda a sua vida ao estudo do systema nervoso e da medula espinal, acaba de communicar á Sociedade de Biologia de Paris de que é presidente que descobriu a *arte de não envelhecer*.

Parece, perfeitamente um quadro de magica, ou um assumpto de opereta, ou uma phantasia de Albert Millaud, mas é simplesmente e authenticamente uma descoberta scientifica.

Na ultima reunião da Sociedade de Biologia, o seu presidente, o sr. Brown-Séquard, deixou a presidencia e subio á tribuna.

Fez-se immediatamente um silencio enorme.

Brown-Séquard ia fallar e as palavras do excellente sabio são sempre acolhidas com uma curiosidade e um respeito religioso por todos os seus confrades.

Mas a essa curiosidade juntava-se uma grande parcella de admiração.

Brown-Séquard tem 72 annos e muito cançado e alquebrado pelo estudo e pela idade, raras vezes toma a palavra nas reuniões da Assembléa de Biologia, e elle n'esse dia ia fallar e a presteza, a ligeireza desusada com que subiu para a tribuna produziram extranheza.

Essa estranheza subio de ponto quando o venerando sabio começou o seu discurso pela seguinte declaração:

«Meus senhores, disse elle com voz firme e lenta, creio hoje que a questão do rejuvenescimento da existencia pode ser estudada e resolvida pelos dados actuaes da sciencia.»

Estas palavras na bocca d'outro homem teriam feito rir todos os sabios como uma facecia de *blagueur*, ditas por Brown-Séquard causaram uma sensação profunda em que apesar de todo o respeito pelo illustre mestre não deixava de haver certo scepticismo.

O sabio continuou contando com todos os pormenores a sua maravilhosa e inverosimil descoberta.

Notára ha muito tempo que a transfusão do sangue era incapaz de restituir a um organismo enfraquecido as forças que elle perdera. A operação necessaria para introduzir um sangue novo nas veias d'um doente, a difficuldade de achar um transfusor conveniente, as decomposições rapidas, que se produzem nos differentes elementos do liquido, e outras rasões d'ordem technica, tem affastado d'esse systema os medicos e os clinicos mais illustres e auctorisados.

Alem d'isso o sangue não é senão um meio de transporte para os elementos novos que chegam e para as velhas cellulas que se vão: é elle que distribue o oxigenio, isto é, a vida aos orgãos, mas estes é que são os verdadeiros, os unicos depositarios e os transformadores das forças.

E por isso Brown-Séquard perguntava a si mesmo ha muito tempo, se injectando n'um homem velho ou enfraquecido os elementos nobres d'um orgão, as cellulas vivas d'um ser novo e vigoroso, esse homem não vibraria ao contacto d'essa *novidade* que penetrava na sua intimidade expulsando o residuo d'uma nutrição pervertida e readaptando a economia á utilisação do calor, da electricidade, da luz, forças inamoventes, factores principaes da vida sobre o globo.

Isto que Brown pensou disse-o elle ha vinte annos n'uma licção do curso que regia na Faculdade de Medicina de Paris.

D'então para cá o illustre sabio tem gasto a sua vida no estudo d'este problema, em experiencias successivas do seu processo sobre animaes velhos. No dia 15 de maio ultimo, porem, julgando o seu methodo sufficientemente amadurecido, resolveu começar as experiencias no organismo humano, mas não querendo expor qualquer individuo a experiencias cujas consequencias por emquanto ignorava e que podiam dar bom resultado, mas podiam tambem ser mortaes, o illustre sabio escolheu-se a si proprio para paciente d'essas experiencias.

Pegou em parcellas de certos orgãos especiaes de animaes vivos, porquinhos da India e cães muito novos, porque a mocidade d'esses orgãos é uma condição indispensavel no seu resultado, triturou-as, dissolveu-as em agua distillada, depois filtrou essa agua, purificou-a, clarificou-a e depois injectou um centimetro cubico d'esse liquido, com uma pequena seringa, na sua pelle, pelo processo das injecções de morphina.

No dia immediato ao ter applicado a si proprio duas injecções, Brown-Séquard sentiu se transformado. Até então meia hora de trabalho no seu laboratorio fatigava-o; n'esse dia trabalhou mais de tres horas sem sentir cansaço algum: o seu apetite augmentou, dormio melhor, o seu estomago funccionou muito mais regularmente, o seu trabalho intellectual tornou-se de uma facilidade e d'uma lucidez perfeita, a sua força dynamometrica augmentou de 7 kilos.

E pouco a pouco, á proporção que fazia estas revelações o gesto do velho professor animava-se, a sua palavra tornava-se mais firme e mais nitida, o seu rosto retomava a antiga energia e o seu olhar readquiria o brilho e o vigor que tinha vinte annos antes.

E ao mesmo tempo a commoção do auditorio ia augmentando, todos os sabios fascinados, convencidos, bebiam as palavras que sahiam dos labios do velho professor e Brown-Séquard terminou a sua revelação de que o resultado das experiencias feitas em si proprio correspondiam a um rejuvenescimento de 10 annos, no meio de delirantes applausos.

Como veem é d'uma importancia extraordinaria a maravilhosa descoberta do celebre physiologista francez.

Os resultados obtidos por Brown-Séquard serão confirmados pelas novas experiencias a que se vae proceder? Ninguem sabe. Em todo o caso o que é certo é que a França scientifica está toda alvoraçada com a revelação de Brown-Séquard; que todos os physiologistas vão fazer experiencias e estudos do novo methodo e que a sciencia moderna vae lançar-se n'um novo e vastissimo campo de investigações, guiada pelo illustre sabio que no fim do seculo XIX parece ter resolvido o problema julgado insoluvel — do rejuvenescimento da humanidade.

E digam-me se é ou não o seculo em que vivemos, o seculo das maravilhas.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PALACIO DA PENA, EM CINTRA

Um facto recente trouxe para as discussões do parlamento e da imprensa o palacio da Pena que pertenceu a el-rei D. Fernando e que faz parte do espolio d'este principe.

Esse facto foi a proposta que o governo apresentou em côrtes para a compra d'este palacio aos herdeiros de D. Fernando, incorporando-o nos bens do Estado e com uso-fructo para a corôa.

Essa proposta foi aprovada e resa assim:

Art. 1.º E' o governo auctorisado a adquirir total ou parcialmente para a nação as propriedades que pertenciam á sua magestade el-rei D. Fernando, em Cintra, devendo sempre entrar n'essa acquisição o palacio e castello da Pena, o parque adjacente, e o castello dos Mouros, por preço não superior ao valor que lhes foi arbitrado no processo orphanologico de inventario a que se procedeu por obito do mesmo principe, e pago em titulos de divida consolidada na posse da fazenda, pelo valor do mercado.

§ unico. As propriedades adquiridas em virtude d'esta lei ficarão no uso-fructo da corôa, sendo em tudo reguladas pelas disposições do art. 85.º da carta constitucional e das leis de 16 de julho de 1885 e 23 de maio de 1859, e pelas mais que regem o exercicio dos direitos do proprietario e usofructuario de taes bens.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Estas propriedades no inventario foram avaliadas em trezentos e dez contos de réis, valor estimativo, pois que ellas nada produzem e antes demandam de um costeio annual de desasseis contos de réis.

O palacio ou castello da Pena foi reconstruido a expensas de el-rei D. Fernando sobre o velho convento de Nossa Senhora da Pena occupado por frades jeronymos, e quando em 1833 foram extinctas em Portugal as ordens religiosas, ficou este conventinho em poder do Estado.

Foi em 1838 que el-rei D. Fernando o comprou assim como o Castello dos Mouros, por 700$000

e logo mandou proceder ás obras que, com o decorrer dos annos, transformaram o humilde convento no soberbo palacio feudal que hoje se admira na penhascosa serra de Cintra, erguendo-se d'entre os rochedos a envolver-se nas nuvens que por muitas vezes o occultam á vista dos homens.

Esta magnifica fabrica, em que se reunio a arte e o bom gosto na sua maxima expressão, representa a vida d'um principe que em grande parte se lhe dedicou, e n'ella consumio valiosas quantias a que não se póde hoje dar o devido valor, mas é certo que el-rei D. Fernando ali gastou o melhor de trezentos contos, sem fallarmos no costeio permanente do pessoal empregado na conservação e tratamento do grande parque, que se estende por quasi toda a serra.

O palacio da Pena é a principal belleza que ha para vêr em Cintra sob o ponto de vista da arte e é elle um dos principaes attractivos para nacionaes e estrangeiros que vão a Cintra.

Sobre este ponto levantou o sr. Consiglieri Pedroso no parlamento a duvida se o palacio ficando no uso-fructo de el-rei D. Luiz, continuará a ser facultado ao publico o poder visital-o assim como o parque.

Nada, porem, faz esperar que el-rei altere a pratica de tantos annos estabelecida, e mande vedar a entrada aos visitantes que todos os dias ali se dirigem a admirar de perto aquelle monumento d'arte creado pelo *Rei Artista*.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

O DESCARRILAMENTO NO CAMINHO DE FERRO DE CINTRA

Por intervenção do nosso prezado amigo sr. Jayme da Costa Pinto, recebemos uma photographia tirada pelo distincto amador photographico, sr. Pedro Cambournac, no momento em que o comboio de Cintra descarrilou, proximo da propriedade do mesmo sr. na Ribeira do Papel.

O sr. Cambournac estava-se entretendo em photographar algumas vistas, quando se deu o sinistro, e applicando imediatamente a objectiva da sua machina ao ponto onde acabava de occorrer o desastre, tirou a photographia.

Esta circumstancia dá á nossa gravura, copia d'aquella photographia, todo o interesse da verdade, reproduzindo com exactidão o estado em que ficou o comboyo descarrilado.

Este descarrilamento não teve felizmente consequencias graves, e os passageiros não sofreram mais que o susto.

O comboyo partira de Alcantara ás 6 e meia da manhã no dia 9 do corrente, e compunha-se da competente locomotiva com fourgon e 14 carruagens conduzindo 83 passageiros que se destinavam a Cintra.

Quando chegou ao kilometro 16,700 na Ribeira do Papel sahiu fóra da linha seguindo assim alguns segundos até que o machinista percebeu que o comboyo estava descarrilado e fez uso do freio authomatico com que parou rapidamente, não chegando a descarrilar a ultima carruagem.

O freio authomatico abrangia todo o comboyo e haviam mais quatro freios de mão em algumas carroagens.

Com estas prevenções de segurança o descarrilamento reduziu-se ás proporções mais simples, limitando-se felizmente a pequena demora nos passageiros em seguirem ao seu destino, para o que veio immediatamente um comboyo de Cintra.

De Alcantara partiu tambem logo um comboyo conduzindo o engenheiro director da Companhia sr. Pedro Ignacio Lopes, o sr. Julio Cesar Monteiro, chefe do serviço de movimento bem como outros empregados e pessoal para desobstruir a linha, que ficou restabelecida no dia seguinte.

O que soffreu maior avaria foi a machina e algumas carruagens. A linha ficou damnificada n'uma extensão de cerca de cem metros.

Este descarrilamento e o que dias antes se deu na linha de Leste, em Valle de Figueira, deu motivo a que a companhia nomeasse uma commissão de inquerito para conhecer as causas que deram logar a estes descarrilamentos e propôr as obras necessarias nas linhas, se elles foram determinados por qualquer defeito que haja nas mesmas.

NO PARQUE DO BOM JESUS DE BRAGA

O Occidente já por mais vezes se tem occupado do devoto e pittoresco Santuario do Bom Jesus do Monte, em Braga, e publicado varias gravuras d'este paraiso terreal na provincia do Minho.

Isto nos força a termos agora que historiar este monumento da piedade christã, onde se reunem tantas bellezas da natureza, que o fazem um dos logares do nosso paiz mais visitado e conhecido por nacionaes e estrageiros.

A formosura natural do Monte do Bom Jesus tem-se reunido o trabalho de muitas gerações em embellezarem ainda mais aquelle logar, pois desde a fundação d'este sanctuario, que principiou por uma capella dedicada á Santa Cruz, mandada fazer pelo arcebispo de Braga D. Martinho da Costa em fins do seculo XV, tem-se succedido varias reedificações e ampliações, que engrandeceram aquelle monumento.

Entre as obras ali feitas mais recentemente, notam-se as da matta ou parque, em que uma boa parte tem sido ajardinada e onde se abriu um grande lago que a nossa gravura representa.

Nada de mais pittoresco e aprasivel se póde imaginar que esse delicioso parque, onde a vegetação se desenvolve largamente, prenhe de frescura, espelhando-se nas aguas do lago que serpenteam em caprichosas curvas a seus pés.

Mas para que exalçar as bellezas que todo Portugal conhece? e se alguem ha que não tenha já ido ali gozar alguns dias de velegiatura, não deixe de o fazer na primeira occasião opportuna e nos agradecerá o bom conselho.

FLORIDA

E' um logarsinho a cinco dias de viagem em canoa, pelo rio Madeira, de Santo Antonio, sendo esse trecho do rio todo encachoeirado.

Em meio caminho está a celebre e decantada cachoeira chamada de Theotonio, que é admirada por todos quantos a tem ido vêr, por suas aguas se despenharem d'uma grande altura em profundo precipicio, que mais tarde aqui descreveremos, porque ao mesmo tempo, é um local historico do tempo das explorações dos portuguezes no rio Madeira; — principal tributario do decantado e gigante Amazonas.

Está *Florida* collocada n'uma grande altura em frente ao rio, donde se descortina este a muita distancia, para um e outro lado.

A industria explorada n'este logar é a da *siphonia elastico*, boracha, que todos os annos exporta para o Pará, pelo porto de Santo Antonio, em grande quantidade.

As barracas são todas cobertas de palha de palmeira inajá, e assoalhadas de taboas de palmeira assahy, amarradas por cipós na falta de pregos.

As duas habitações que se veem na nossa gravura, isoladas, são, a maior, residencia do *patrão*, a menor, armazem, loja e escriptorio; as que se acham em frente a estas são habitações de indios mansos que o *patrão* sustenta e lhe dá casa, com o fim d'elles extrahirem a seiva da siphonia, que usualmente preparam, entregando-lh'a em forma de bolaxas como se apresenta no mercado.

A ultima barraca que se vê junto á floresta, na linha da frente, é a forja, e lá ao fundo, velada por uma esbelta e copada arvore, é o hospital.

No rio passam duas canôas.

E' o rio Madeira explorado a vez primeira por Francisco de Mello Palheta em 1723, quando capitão mór do Pará, por ordem do capitão general; a ilha que se vê da margem opposta é a de Sant'Anna que ainda hoje vem nos mappas do alto Madeira.

Ha tres ou quatro annos foi este logar de *Florida* theatro de uma atroz barbaridade praticada pelos selvagens da tribu *carifruna* que habitam nas proximidades, na mesma floresta.

Na occasião que, apenas n'uma das barracas se achavam cinco rapazes e duas raparigas, indios bolivianos, mas domesticos, extractores da gomma elastica, no preparo da qual estavam com o *boyão* acceso para com o fumo cendensarem o leite da arvare, foram surprehendidos pelos carifrunas que mataram os homens e mulheres, deixando uma d'ellas sentada sobre o *boyão* ardente onde mais tarde foi encontrada meia carbonisada; e a barraca despejada de tudo quanto n'ella havia digno da cobiça dos selvagens, como redes de dormir, machados, facas e terçados do matto, que tanto os selvagens cobiçam.

Esta tribu já esteve meio civilisada, chegando a ajudar os viajantes a conduzir suas cargas e arrastar as canôas, nas cachoeiras do rio, nas proximidades de sua maloca, e muitos d'elles já fallavam alguma coisa portuguez mesclado com o castilhano por serem estes comerciantes viajantes bolivianos na maior parte; porem, devido a falsidade e mortes que tambem fizeram por vezes nos selvagens, elles tem tomado vingança, e internando-se no matto, só apparecem quando vêem que os passageiros são poucos e por isso impunemente os podem matar ou roubar; por cujo motivo, os negociantes, só ahi passam bem prevenidos e em numero sufficiente para lhes fazer frente, mas então elles cobardes e traiçoeiros que são, não apparecem.

Antes d'estes factos davam-se com mostras de amisade apparecendo na margem do rio, trocando seus productos como farinha, milho, mandioca e até seus filhos... por contas, facas, machados e cachaça, aguardente a que elles dão todo o apreço, como dão a toda a bebida que os embriaga.

Muito perto de *Florida* frecharam cobardemente a um viajante que, inocentemente, se deixou enganar por elles.

Procurando este demonstrar-lhe que o revolwer era arma superior á sua, disparou o primeiro tiro no alvo por elles designado, onde acertou; fizeram-lhe vêr que foi a casualidade e não a efficacia da arma que havia feito attingir o logar marcado; elle para provar o contrario foi desparando os tiros até que ficou desarmado; e quando os selvagens o viram seguro, frecharam-o!

A ideia nem parece de tal gente..

Chamava-se o infeliz Gregorio Soares, e era boliviano.

Em seguida roubaram-lhe as mercadorias que levava na canôa.

B. M. Costa e Silva

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

PANORAMA DA EXPOSIÇÃO E TORRE EIFFEL

O grande acontecimento da actualidade é a Exposição Universal de Paris, que chama as attenções de todo o mundo para a grande capital da civilisação do nosso seculo, onde n'este momento se reunem todas as maravilhas das sciencias, das artes e das industrias, fructos do trabalho humano, n'um periodo de civilisação que progride em cada anno que passa, sem ser facil calcular até onde chegará, taes são as surprezas e maravilhas que constantemente produz.

Este acontecimento tão extraordinario da nossa época, não podia o Occidente deixar de o registar em suas paginas, de uma forma distincta, e por isso a empreza não se eximindo a sacrificios, inicia hoje a chronica illustrada da Exposição de Paris, principiando por publicar a vista panoramica d'essa exposição, no supplemento que tem a honra de offereeer aos seus dedicados assignantes, empregando na confecção do mesmo um processo novo que dá á gravura um effeito mais agradavel e vistoso.

Sem promessas pomposas e unicamente seguindo o programma traçado ha doze annos, vae o Occidente registando os factos mais importantes da vida universal sem se esquecer um momento, que é um periodico portuguez, e que os acontecimentos do nosso paiz são a que primeiro tem de attender.

I

O deslumbranre panorama que se desenrola a nossos olhos, ao transportarmo-n'os ás margens do Sena e olharmos desde o Trocadero de um lado e do outro o campo de Marte, não é possivel descrever, tal é a variedade e profusão das edificações e dos jardins, a que se reune o movimento extraordinario da população que se cruza em todos os sentidos, cada qual com seu destino.

O mundo póde dizer-se que está ali, representado em gentes de toda a parte, e nas edificações caracteristicas de cada paiz.

Todas as nações civilisadas á excepção da Allemanha e da Turquia, levantam ali edificações proprias onde exhibem os productos das suas sciencias, das suas artes e da sua industria, mas as edificações da França excedem todas as outras pela grandeza e explendor que ostentam.

A parte central dos jardins do Campo de Marte e do Trocadero está adornada com duas fontes monumentaes obras primas da arte pelos formosos grupos que as decoram.

Alongando a vista pela direita veem-se as grandes galerias das exposições diversas, o pavilhão da cidade de Paris, ostentando a sua elevada cupula do corpo central, e quasi fronteiro a este o Palacio das Artes Liberaes.

Depois vêmos occupando differentes posições os pavilhões do Brazil e das republicas americanas, da Companhia do Canal do Suez, de Siam, da China, da India, de Marrocos, do Egypto, com a sua rua do Cairo.

A este agrupamento seguem-se para a esquerda, os pavilhões das manufacturas do Estado, da sociedade de Telephones e do Gaz, de Eiffel, das sociedades de Aguarelistas e Pastelistas, da Imprensa periodica, destacando-se notavelmente o palacio das Bellas Artes.

E seguindo-se esta multiplicidade de edificios, onde se vêem ainda os pavilhões da Noruega, da

Hollanda, de Monaco, a Estação da Electricidade e outros, encontramos a entestar esta parte da exposição a collosal Galeria das Machinas, obra gigantesca que só se pode comprehender se faça depois de se ter visto a grande maravilha da exposição, e das construcções de ferro — a torre Eiffel — que se ergue arrogante até ás nuvens dominando da sua extraordinaria altura todas as edificações que se estendem a seus pés, como pygmeus aos pés d'um collosso.

Se a galeria das machinas é um prodigio da engenheria pela grandeza da sua construcção e pela variedade e perfeição das machinas expostas, o que diremos da torre Eiffel, d'esse assombroso collosso de ferro, cuja engenhosa structura apresenta, vista a certa distancia, uma delicada renda tecida por mãos de gigantes.

As censuras que esta obra levantou no seio da propria França, quando o seu projecto appareceu a publico, cahiram completamente, em presença do grandioso monumento da engenheria d'este seculo, representado n'aquella torre que tem tanto de arrojada como de elegante, e se a sua arte não pode competir com as bellezas dos grandes monumentos onde o cinzel esculpiu as suas mais primorosas creações, tem as primicias da innovação a inaugurar um novo genero de monumentos, monumentos que podem marcar uma época em que inquistionavelmente a torre Eiffel terá o primeiro logar.

Foi o engenheiro francez Gustavo Eiffel que deu o nome à sua obra, o auctor d'este monumento de ferro erguido no campo de Marte para commemorar a grande exposição universal, que por sua vez celebra o primeiro centenario da revolução franceza, como que para affirmar que d'essa revolução partiram todos os progressos d'este seculo de que a mesma exposição é a mais evidente prova.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

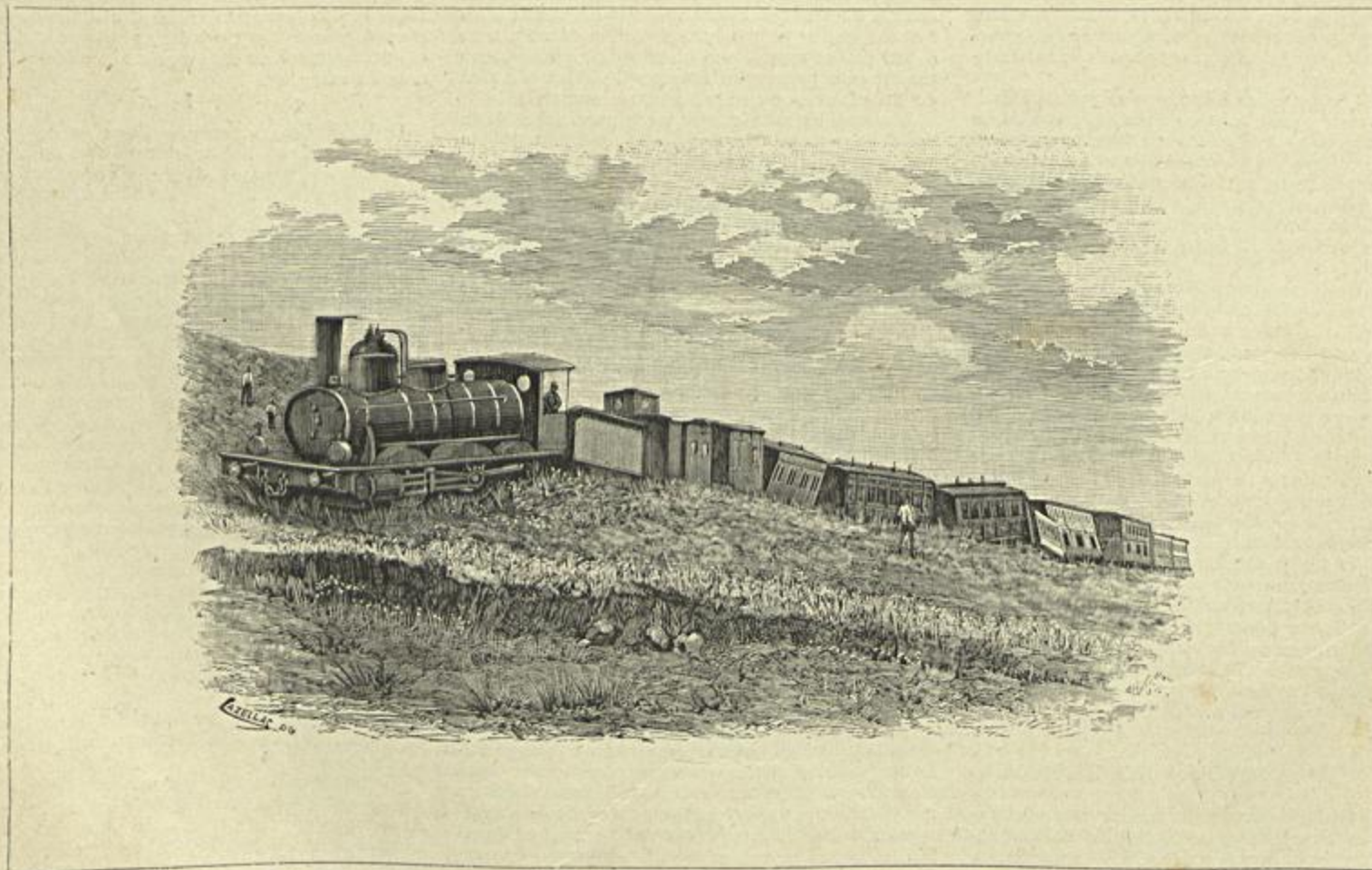
O ENGENHEIRO GUSTAVO EIFFEL—Auctor da torre Eiffel

Eiffel já muito conhecido pelas suas obras de que no nosso paiz existem algumas, como a extraordinaria ponte Maria Pia no Douro e outras, projectou ha tres annos a construcção de uma torre gigantesca, que attingisse alem da maior altura das mais altas construcções feitas até hoje calculando eleval-a até 300 metros acima do solo.

Ao principio todos acharam demasiado ambicioso o projecto do notavel engenheiro, e quasi se póde dizer que as duvidas de que elle se realisaria o acompanharam até á conclusão da obra, levantando-se ainda protestos sobre a sua execução, que a muitos se afigurava monstruosa, sem arte nem beleza, um pejamento incommodo que afrontava os bellos monumentos de Paris, que vinha emfim desacreditar o bom gosto da França, unicamente para servir um capricho de um constructor de ferro.

Com esta disposição do espirito publico é facil calcular a lucta que M. Eiffel teve de sustentar para levar por diante a sua obra até que o pavilhão tricolor da França fluctuasse aos ventos no topo da torre Eiffel a 300 metros de altura.

Foi no dia 31 de Março d'este anno que Eiffel, em companhia

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Descarrilamento no Caminho de Ferro de Cintra occorrido em 9 do corrente, no kilometro 16,700 junto á Ribeira do Papel
(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Pedro Cambournac)

de M. Alphand, director geral da exposição, M. Berger, o ministro Tirard, o presidente da camara municipal de Paris, e varios funccionarios superiores e convidados, subiram a torre Eiffel até ao ultimo pavimento, e ali foi içada no mastro a bandeira franceza.

Esta ascensão gastou cerca de uma hora, e logo que a bandeira ficou içada, desceram todos á terceira plataforma, onde se fizeram enthusiasticos brindes ao engenheiro Eiffel e á França.

Em baixo, aos pés da torre, era servido um grande banquete aos operarios que n'ella tinham trabalhado, e os quaes enthusiasmados levantavam brindes a Eiffel e offereciam-lhe flores em primorosos *bouquets* e *corbeilles*.

A gravura dispensa-nos de fazermos uma descripção minuciosa da torre com respeito á sua forma, por isso apenas nos referiremos aos differentes pavimentos ou plataformas, e á base que é formada por quatro arcos, de 25 metros de flecha, em quadrado e cujas nascentes partem de quatro gigantes que formam os angulos da torre e que seguem a toda a altura da mesma até se reunirem na segunda plataforma a formarem a pyramede que na terceira plataforma é truncada para dar logar á cupula sobre que assenta ainda um pharol electrico.

A primeira plataforma está á altura de 38 metros e cada um dos seus lados tem 125 metros de largura, de modo que o individuo que os percorrer anda 500 metros ou meio kilometro.

N'esta plataforma ha bons botequins e *restantrants*.

A segunda plataforma está a 115 metros de altura. Aqui o panorama que apresenta Paris é extremamente curioso, porque todos os grandes edificios que o povoam parecem pequenas casinhas que se erguem sobre grandes manchas escuras, formadas pelos telhados das edificações vulgares ou pelas mattas dos bosques e grandes avenidas da cidade, confundindo-se na distancia com os campos que o circumdam.

A terceira plataforma está á altura de 207 metros. Aqui o panorama é ainda mais dilatado e confuso. O monte Valerianno deixa-se dominar pela torre e a vista estende-se para além d'elle, descobrindo a colina de Montmartre que parece um branco promontorio n'uma grande costa de mar.

É n'esta plataforma que o *Figaro* faz uma edição pequenina, para o que tem ali installado o material necessario.

A quarta plataforma está a 273 metros de altura. E' sobre esta plataforma que se levanta a cupula e sobre esta o pharol, que não obstante ter oito metros de altura, parece, visto do solo, um pequeno botão. Em volta d'este pharol ha uma varanda circular, e é este o ultimo ponto accessivel da torre, que ainda conta até ao cuspide mais uns 20 metros, completando a altura total de 300 metros.

O quarto pavimento é dividido em quatro compartimentos, sendo um destinado especialmente para M. Eiffel e os outros tres para installações das observações scientificas que ali se projectam fazer.

Para fazer a ascensão da torre ha elevadores mechanicos que a facilitam, tendo-se estabelecido quatro ascensores para a primeira plataforma; d'esta para a segunda, dois; e da segunda para a terceira e quarta, um.

No seguinte artigo continuaremos a descrever a exposição.

A. da Silva.

PORTUGAL PITTORESCO

NO PARQUE DO BOM JESUS DE BRAGA

(Segundo uma photographia)

EDUARDO COELHO

Labor omnia vincit improbus

(Concluido do n.º 377)

Como dissemos, foi em dezembro de 1864 que o *Diario de Noticias* foi fundado. Durante todo o anno de 1865 a folha attingio tal importancia, que no dia 1.º de dezembro d'esse anno, isto é, um anno depois já tinha augmentado de tiragem 9:600 exemplares, e augmentava consideravelmente de formato, ficando com 5 columnas em vez de 4, e com typo mais reduzido. Algumas vezes já os seus annuncios passavam para a parte inferior da 3.ª pagina.

N'esse anno, em que Eduardo Coelho foi constantemente auxiliado em conselhos de bom senso e de positiva previsão, alem de pratica administrativa pelo actual Visconde de S. Marçal, collaboraram litterariamente os escriptores mais notaveis da época.

Leite Bastos, o infeliz e malogrado jornalista e dramaturgo, publicou n'esse anno quatro formosos contos: *Ave Maria*, *Espinhos e Flores*, *O Demonio conjugal*, *Na festa do lar*. Era elle collega de Santos Nazareth no *Diario de Noticias*, que sol mais tarde, ainda não era um sol nascente. A collaboração folhetinistica, como um meio poderoso de propaganda foi, n'esse anno, assombrosa. Eis os nomes de alguns dos escriptores, mas creia o leitor, que o numero total é muito superior.

Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, D. Thomaz de Mello, Lino de Macedo, Luiz de Araujo, Marianno Froes, Costa Pereira, Santos Nazareth, Araujo Assis, Ernesto Marecos, Almeida e Araujo, Pedro Vidoeira, Ferreira Chaves, João Bonança, Carrero, Joaquim Andrade Ferreira, Maria Ritta Chiappe Cadet, Brito Aranha e D. Maria J. S. Canuto que ali publicou o romance «Cincoenta annos de reinado e quatorze dias felizes», F. A. de Mattos, Acursio Cabral, Sousa Telles, Costa Goodolphim, G. de Lellis, Ribeiro Gonçalves, Pedro C. de A. Chaves, Alfredo da Silva Ribeiro, João Kalleya, José Maria de Andrade Ferreira, Antonio Feliciano de Castilho, J. Sanguinetti, Francisco Soares Franco, Pereira da Silva, Nogueira da Silva, Francisco Serra, Alberto Gomes, Bulhão Pato, Oliveira Pires, Xavier da Silva, Manuel Rousado, Mathias Firmo, Gonçalves Pereira, Eugenio de Noronha, Tavares de Macedo e Eugenio de Castilho.

N'esse anno Eduardo Coelho teve occasião de mostrar de modo brilhante a facilidade de escrever e a expontaneidade de assumpto, qualidades de escriptor de *élite*, que o acompanharam até ao ultimo dia em que deixou de viver, porque o trabalhadôr mais assiduo e mais infatigavel do *Diario de Noticias* foi elle. Sempre elle.

Nos primeiros dias da empreza, embora o jornal apenas tivesse 4 columnas por pagina, escasseiava por vezes o original.

Eduardo Coelho, uma noite perguntou:

— Quantos garneis de composição faltam?

— Faltam tantos, mas para compor, leva muito tempo com o pessoal que temos.

— Não tem duvida, faço redondilha e cada verso é uma linha!

E Eduardo Coelho escreveu o seguinte improviso, que publicado, ha 24 annos, só agora é novamente dado á apreciação publica. O jornal em que saiu era o n.º 33, que corresponde ao principio de 1865.

Eis o primor:

O Pescador d'aves *(absurdos)*

Vagaroso caminhava
qual raio fendendo o ar,

assentado um pescador
alta noite á beira mar.

O sol brilhava *escondido*
entre nuvens crystalinas,
e seus raios apagados
davam do mar nas boninas.

Estava o tempo bonançoso
mas o mar encapellado,
mudamente proclamava
horrendo, fagueiro brado.

E o pescador *delirante*,
meditando sabiamente,
pungia no peito magoas
e sorria alegremente.

Seu rosto banhado em pranto
mostrava *doce afflicção*,
e nos seus *olhos cerrados*
se lia seu coração.

E o pobre pescador
a beira do mar deixando,
entregue a placido somno
sosinho *foi caminhando*.

Chega a um vasto deserto,
povoado, solitario,
e no seu baixel sentado
cumpria destino vário.

E sobre o *cume explanado*
d'este pego e seus escolhos
assim começa fallando,
abrindo do somno os olhos:

Mulher que tanto adorei
com cega, louca *aversão*,
é assim, *sendo fiel*
que me dás fida traição?

E' assim, *impura virgem*,
que matas teu pescador,
que hoje ao nada reduzido
te faz protestos d'amor?

Pois bem começaste o fim
d'esta minha horrivel sorte;
agora *finda o começo*,
dá-me a vida com a morte!!!

E assim lá se *precipita*
acima de um arvoredo,
e soltando *mudos gritos*
estrebuxava *mui quedo*.

Este *feliz desgraçado*
d'amante a *fieis enganos*
succumbiu! pobre *mancebo!*
Tinha apenas *setenta annos*.

As *trevas* ao meio dia
já cobriam o horisonte;
e o baixel do infeliz
foi quebrar se em *liso* monte

Voavam ligeiros peixes,
nadavam os passarinhos
meigos serpentes soltavam
seus cantos *innocentinhos*.

Vivo o corpo *inerte*, pallido...
sem alento respirava...
e tu leitor paciente,
manda o vate agora á fava.

N'esse anno publicou Eduardo Coelho em folhetins:

Um caso na aldeia — poesia em redondilha offerecida á Ex.ma Sr.a D. M. A. da Silva Mattos — publicada no n.º 38 — 5.a feira 16 de fevereiro de 1865. E' um formoso idilio e prima pela simplicidade:

Tão loura e tão alva
folgando no adro,
Maria é encanto
do formoso quadro,
que formava dançando
as moças d'aldeia.

Reconciliação carnavalesca — conto em prosa, no n.º 45, — 6.a feira 24 de fevereiro de 1865.

O dia de S. João, artigo em prosa e verso a proposito do dia do santo popular, n.º 140 — 23 de junho de 1865.

Quem com ferro mata com ferro morre. — Conto historico offerecido a Pinheiro Chagas — n.º 148.

Viagem folhetinistica, — n.º 157 — 16 de julho — artigo politico, critico e humoristico em que o auctor percorre a arcada do Terreiro do Paço, onde

Entre claros e entre escuros
homens de seiscentas côres
andam por aqui seguros.

Vae depois ao passeio publico, Theatro da Rua dos Condes, Variedades, Circo Price, D. Maria II, Gymnasio e Lage.

Uma tourada no seculo XVII — n.os 165, 167 e 168 do mesmo anno.

A volta do Brazil — n.os 265 e 266.

Os casamentos do sr. Anastacio — n.º 277.

Mas o mais engraçado dos artigos d'esse anno, logo decorridos 2 mezes da fundação do *Diario de Noticias*, foi o *Elogio da moeda de dez reis*. E' um artigo critico humoristico, que faz *reclame* ao jornal barato!

(Continúa) *João de Mendonça.*

CHRISTO E A MAGDALENA

(QUADRO BIBLICO)

O sol ia baixando ao mar vasto e saudoso,
N'um lento agonisar, tremente e luminoso,
Ia em busca do ninho a ave fugitiva,
E a aragem osculava, a ciciar, esquiva,
As folhas da palmeira e o cedro viridente.

Começava a surgir, então, pausadamente,
A escuridão da noite em um silencio infindo.

E n'essa occasião o Christo ia seguindo
Atravez da campina, absorto, a meditar;
Erguido para o céo o seu piedoso olhar,
Par'cia reflectir nos mil lampejos vagos,
Como os que a luz depõe na limpidez dos lagos.
Caminhava em silencio, e a multidão dos crentes,
Ia seguindo atraz; com fallas vehementes,
Commentando a miudo as phrases luminosas,
Os balsamos de amor, e as esp'ranças ditosas,
Que Jesus lhe dictara á mente extasiada.
Caminhavam, porém, no angulo da estrada,
Surgira uma mulher, formosa e deslumbrante,
Tinha no seio nú um collar rutilante,
E na fronte gentil as rosas, em grinaldas,
Cingiam-lhe o cabello a pentes d'esmeraldas,
Era bella, formosa, impúdica, brilhante,
O seu corpo cheirava ao sandalo odorante,
E na rosada flôr de seus labios mimosos,
Vagueava o sorrir dos beijos anciosos.

Mas ella que sonhara uns gosos ineffaveis,
Ouvindo a narração dos feitos admiraveis
Do famoso Rabbi; n'aquelle mesmo instante,
Fitou com impudor o seu olhar brilhante,
Nos olhos ideaes do pallido Jesus.
E a Magdalena ao vêr a immaculada luz,
Que vinha d'esse olhar, sereno e magestoso,
Sentiu-se suffocada em pranto angustioso.
Dissipa-se o sorriso em seus labios vermelhos,
Curva a fronte gentil, prostra-se de joelhos,
Soltas á viração as tranças preciosas,
Postas as mãos no seio, em ancias dolorosas,
Ante o Christo Immortal, e chora, supplicante,
Tendo um vago terror na vista delirante,
E o remorso a banhar-lhe em fel o coração...

Tinha soado a hora, augusta, do perdão!

Porto — 1889 *Alfredo Alves.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVI

O Quim ficou em casa a matutar n'aquellas duas cartas da Alice.

Nada, aquillo não era natural: ali havia coisa! Ou aquellas duas cartas não eram da filha da D. Rita, e n'esse caso havia alguem que o tinha tomado á sua conta, que estava caçoando com elle: ou eram d'ella e então alguma cousa mysteriosa se passava a seu respeito, que elle não sabia o que era mas que o fazia estremecer involuntariamente, que sem elle querer o enchia d'um vago terror.

Lá a hypothese da pequena estar mal de cabeça, assustara-o no primeiro momento, mas não acreditava muito n'ella. A menina Alice era na verdade um pouco doida, mas não doida d'essa doidice de levar gente a Rilhafolles.

Se todas as doidas como ella estivessem lá, os hospitaes de alienados estavam cheios ha que tempos, e as janellas dos arruamentos da baixa de ha muito ermas d'essas meninas que da meia noite em deante povoam os passeios d'uma multidão enorme de gargarejadores.

E tudo isto dava muito que pensar ao pobre Quim Barradas.

Que demonio quereriam dizer aquellas duas cartas tão desencontradas, tão contraditorias e tão febrilmente redigidas?

«E' um heroe! Realisa o meu ideal. Admiro-o. Deus vae comsigo!»

E depois a outra.

«A mulher venceu a heroina! Não vá!»

Heroe! Heroina! Vá! não vá! Que trapalhada seria aquella?

E a cabeça do Quim que nunca fôra lá muito forte, quasi que se desfazia em agua, martellada por estas duas cartas enygmaticas!

E ao mesmo tempo o Quim meditava na transformação tão rapida que se operara havia 48 horas, apenas, na sua vida, outr'ora tão tranquilla, de fiel da Companhia de Seguros!

E com um grande desespero justissimo maldizia a familia Leitão e a *soirée* da Praça da Alegria, essa *soirée* que transformara tão desastradamente a sua vida, que fizera d'elle ha dois dias uma especie de personagem de Ponson du Terrail.

E estava todo entregue a estas maldições e a estas cogitações quando os echos da rua das Olarias foram accordados pelo rodar estrepitoso de uma traquitana a toda a brida.

Elle tambem accordou do seu scismar.

O carro parou á sua porta.

Por curiosidade acercou-se da janella.

Da traquitana apeava-se uma senhora, de quem elle cá de cima, por detraz dos vidros da janella, não poude ver a cara.

D'ali a nada a campainha da sua porta badalava ruidosamente, puchada por mão afflicta.

— Quem será? pensou o Quim, emquanto a Rosa, a criada, ia abrir a porta.

E poz-se de ouvido á escuta.

— A sr.a D. Emilinhas? perguntava uma voz femenina toda offegante de cansaço.

— Não está em casa, sahio, respondeu a criada.

— Está, está, para mim está sempre, insistiu a pessoa que a procurava.

— Essa é muito boa, não está, sahiu ainda não hade haver um quarto de hora.

— Pois sim, mas vá sempre dizer-lhe que está aqui a D. Ephygenia Pereira, teimou a recemchegada, empurrando a criada e entrando pela casa dentro.

— Que birra! Se eu já lhe disse que ella não está cá como quer a senhora que eu lhe diga... replicou já aborrecida, enfastiada a Rosa seguindo-a, gesticulando muito, até á saleta.

O Quim que com o ouvido á escuta ouvira tudo, ao saber que era a D. Ephygenia, despiu n'um apice o seu casaco de linho, envergou a sobrecazaca preta de sahir á rua e correu a receber a mãe do Dominguinhos.

— Oh! minha senhora, disse elle, irrompendo na saleta, V. Ex.a por esta sua casa ..

— O senhor! exclamou a D. Ephygenia dramaticamente. Retire-se da minha presença, algoz, vampiro, assassino!

E com uns grandes gestos tragicos, á Emilia das Neves, foi recuando até á escada.

— Assassino! Assassino! Assassino! bradou no patamar tres vezes, com voz terrivel, e descendo a escada n'um pulo, metteu-se na traquitana e foi-se embora.

O assombro do Quim foi enorme, phenomenal.

Ficou tão estupefacto que quasi perdeu a consciencia do que se passava em torno de si, e parado, hirto, immovel á porta da saleta como D. Bartholo na scena celebre do *Barbeiro*, só voltou a si quando ouviu rodar a carruagem que levava a D. Ephygenia.

— Mas o que quer dizer isto, meu Deus? perguntou elle atterrado olhando para a creada.

A Rosa porém não estava menos espantada do que elle, e attonita benzia-se muitas vezes com a mão esquerda.

— Credo! Aquillo foi coisa que lhe deu! Está atolada, o demo da mulhersinha!

— Mas o que disse ella?

— Assassino! e vampiro!... Parece que vio o diabo quando o vio ao senhor!

— Assassino! E fugiu de mim! murmurou o Quim cheio de interrogações, apertando a cabeça entre as mãos como que receiando que ella estourasse.

— O senhor quer alguma cousa? perguntou a Rosa assustada vendo-o n'aquella posição tão afflicta.

— Não quero nada.

— Está agoniado?

— Não.

— Diga lá, quer que lhe faça um chá de tilia?

— Não quero chá de tilia, não quero nada. Irra! gritou o Quim raivoso.

A Rosa fugiu assarapantada para a cosinha, resmungando com os seus botões:

— Safa; parece que está damnado! Hein? Que tal? Ainda em cima de eu estar com todos os cuidados. A tola sou eu! que arrebente para ahi com os diabos, que não serei eu quem lhe acuda. Que tal está, hein?

O Quim ficou só na saleta immerso em cogitações profundissimas, mas que eram todas beccos sem sahidas.

Se intrigado e assustado estava aind'agora, muito mais assustado e intrigado ficou depois da visita da D. Ephygenia Pereira e do estranho effeito que n'ella produzira a sua presença.

A creada, a Rosa dissera bem na sua linguagem simploria.

Parecia realmente que vel-o a elle Quim, tinha sido o mesmo que ver o demonio!

Porque?

E chamara-lhe algoz!

Porque?

E vampiro!

Porque?

E assassino!

Porque?

E para todos os lados que se voltava o Quim não via senão «porques», que se enterravam n'elle como as settas em S. Sebastião.

O problema cada vez estava mais difficil, mais confuso, e tambem mais pavoroso.

Era evidente agora que se tratava de coisa séria e muito seria! Combinando aquelle *assassino*, com o *vás não vás*, com o *heroe* e a *heroina* das duas cartas da menina Alice, o Quim percebia que todas aquellas phrases deviam ter relação umas com as outras: mas que relação? que se tratava não d'um brinquedo, mas d'uma cousa seria, mas que cousa?

E passeando pela saleta, a grandes passadas, de cá para lá, como uma fera n'uma jaula, o Quim pallido como um defunto, a escorrer em suor frio, pensava, cogitava, barafustava, e nada, nada lhe apparecia lá dentro da cachimonia a illuminar as trevas que o envolviam.

E passou assim uma suçia de quartos de hora. Por fim bateram á porta.

— Será outra vez a D. Ephygenia? pensou elle. Mas ouviu uma voz conhecida que o encheu de alegria.

Era a Emilhinhas, a sua irmã que voltava de casa da menina Alice.

Ia finalmente ter o segredo d'aquelle enigma.

E cheio de curiosidade e de alvoroço correu ao encontro de sua irmã.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

NOVIDADES DA SCIENCIA

Tratamento da phtysica pelo ar livre.—Muitos medicos, e mais particularmente Bennett, estabeleceram como methodo o tratamento dos phtysicos pela renovação do ar, recommendando que as janellas e portas dos quartos dos tuberculosos estejam constantemente abertas.

Brown-Séquard já apresentou á academia das sciencias de França o resultado de experiencias que põem em relevo os excellentes resultados obtidos por este novo systema de curativo.

Em 1869 e 1870 inoculou, por via subcutanea a tuberculose a cem cobayas[1] sem determinar um unico caso de morte, porque os deixara inteiramente ao ar livre, debaixo d'um alpendre que dava para um jardim.

Inoculou outros cem cobayas, da mesma forma, mas obrigou-os a viver dentro de habitações fechadas, onde o ar estava pouco confinado.

O resultado foi que quasi todos estes pereceram da terrivel molestia.

Brown-Séquard cita a observação de alguns phtysicos, já quasi no ultimo gráu, que se curaram completamente depois de terem vivido cerca de dois annos ao ar livre, protegidos contra os resfriamentos.

Brown-Séquard e Arsonval acabam de engendrar um apparelho de ventilação de forma conica, que se colloca a certa distancia do doente deitado. Este apparelho termina por um largo tubo evacuador, que se abre n'uma chaminé de entrada do ar, activada pela combustão de uma vela ou do gaz. Este apparelho é de superior vantagem ao methodo das ventilações pelas janellas abertas, porque alem de emittir sempre por igual a mesma porção de ar renovado, evita os resfriamentos exagerados.

Séquar perconisa a ventilação excessiva das habitações collectivas, como o melhor dos meios a evitar o desenvolvimento e propagação da tuberculose em toda a especie de animaes.

Injectou no tecido cellular subcutaneo de alguns animaes o producto de condensação pelo frio do ar, expirado por pessoas sans e doentes, e observou em ambos os casos que sobrevieram, quasi sempre, accidentes mortaes.

O Kanaff. — É o nome de uma nova planta textil, que acaba de descobrir-se nas costas do mar Caspio.

Cresce durante o estio, e attinge á altura de 10 pés. Tem 2 a 3 centimetros de diametro e ás vezes mais.

Cuidando bem da sua cultura, e tratando a planta de uma maneira technica, M. Blackenbury, engenheiro e chimico, que fez um estudo especial do *kanaff*, conseguiu tirar d'elle uma excellente materia textil branda, flexivel, elastica e setinosa. O fio, que é muito resistente, póde ser branqueado pelos processos chimicos sem nada perder do seu valor.

Os estofos fabricados com o *kanaff*, e branqueados em acto continuo, pódem receber toda a especie de tintura e concorrer vantajosamente com todos os outros tecidos actualmente em uso.

Por causa da sua modicidade e da sua extraordinaria consistencia o novo tecido convém muito especialmente ao fabrico de sacos, malas, toucas para banho, cordas, etc. O seu peso especifico é muito menor que o do canhamo, mas a sua força de resistencia, ao contrario, é muito maior. Uma corda de 8mm. de diametro póde supportar um peso de 180 kilos, sem se quebrar. Uma corda de *kanaff*, fabricada em Moscow, de meia pollegada de diametro, só se quebrou a um peso de 625 kilogrammas.

[1] Porquinhos da India

REVISTA POLITICA

O parlamento ainda continúa aberto, como já previamos na nossa ultima revista, verdade seja que sob a vontade do Conselho de Estado, que lhe vae contando os dias com uma suvinice israelita, não concedendo de cada vez mais que tres a seis dias, embora saiba que tem de renovar essas concessões, até que toda a rethorica parlamentar, erma de ideias, tenha saciado lautamente a sua verbosidade, mesmo sobre os projectos de que o governo não faz questão.

A febre dos discursos que tinha deminuido consideravelmente ao approximar-se o termo legal da epoca legislativa, subiu novamente com as prorogações, e cada tres, quatro dias de prorogação, cada um ou dois discursos que echoam pela sala do parlamento até altas horas da noite, quando os mochos piam fóra dos seus ninhos em philosophicos passeios por sobre os telhados de S. Bento.

O projecto que principiou por augmentar de novo a febre falladora, foi o dos vinhos, o que não deixa de ser natural, porque effectivamente o vinho é muito tagarella, e até chega a ser desordeiro e pyrhonico como todos os diabos.

O principal inconveniente que a opposição achava no referido projecto era a suppressão dos direitos de sahida, dando-nos a grande novidade de que o thesouro soffria baixa nos seus rendimentos.

Mas como mal vae ao paiz que procura a maior fonte das suas receitas nos rendimentos das alfandegas, antes estes diminuam e Portugal exporte o seu vinho, em vez de lhe ficar para ahi sem valor, porque o Estado sempre achará materia collectavel nos valores com que essa exportação venha enriquecer o paiz.

Ou isto é assim ou a Economia Politica é uma *peta*.

Este projecto passou, e com elle sempre a nossa industria vinicola aproveitará alguma coisa, para atenuar a crise agricola que assoberba o paiz.

Assim se podesse fazer o mesmo á questão cerealifera, tanto ou mais grave que a dos vinhos mas esta parece que ainda não se resolverá em cortes, porque o tempo falta, e ainda mais falta a energia para luctar com o monopolio dos moageiros que á sucapa se criou em volta d'esta industria, que não deixa folgar nem lavradores nem padeiros, e que ameaça a cada momento o povo com a carestia do pão.

Crêmos bem que a difficil solução d'este problema, influe muito mais para que não se discuta a lei sobre os trigos, que o tempo que ha para isso.

Quando se esperava que esta lei fosse discutida, surgiu o projecto de indemnisação aos bancos do Porto, compromettidos no syndicato do caminho de ferro de Salamanca, indemnisação que se quer effectuar dando aos referidos bancos a exploração do porto commercial de Leixões que o governo mandou construir no Porto.

Ora o syndicato Salamanca foi um negocio desgraçado, em que todo o ciume e patriotismo que o moveu não bastou para o fazer bom. Um caminho de ferro não se faz só com patriotismo e com dinheiro, e o resultado foi os bancos comprometterem capitaes que lhe fazem falta para outros negocios, e ainda mais falta lhes fazem o vêrem-nos por agua abaixo.

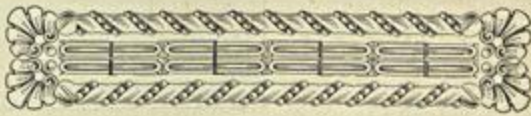
Muitas seriam as retaliações a fazer sobre este negocio, muita é ainda a luz que sobre elle se precisa fazer, que se determinem as responsabilidades a quem competirem, e porisso não é para admirar que se discuta onde ha que discutir, porque só assim se poderá resolver com justiça ou equidade, mas sem rethorica.

O governo declarou não fazer d'este projecto questão politica, entretanto a politica partidaria sempre se intrometeu a vêr se descobre no reverso d'esta medalha especulações futuras com que alguns se locupletem á sombra dos bancos e á custa do thesouro.

A questão promete durar, attenta a abundancia de discursos já pronunciados e outros a pronunciar, o que não quer dizer que se chegue a esclarecer completamente, mas sim a produzir novas prorogações das côrtes.

A questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, a que nos referimos em uma das ultimas revistas, parece que voltará ao parlamento, se o governo não fizer caducar o contracto no praso legal, por falta de execução, mas tambem parece que altas influencias, a que não é estranho o governo inglez, procuram conciliar as cousas.

Só nos resta vêr se a politica partidaria compromette esta questão.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Vapor Ambaca. — A empreza Nacional de navegação para Africa, mandou construir mais um novo vapor para as suas carreiras, que denominou *Ambaca*.

E' um excellente navio, cuja experiencia official do seu andamento se realisou no dia 15 do corrente, em um passeio fluvial até Cascaes, e para o qual a Empreza fez varios convites em que incluio a imprensa de Lisboa, agradecendo nós o convite que teve a amabilidade de dirigir-nos.

O *Ambaca* foi construido em Hull, nos estaleiros de Earee's Ship Building Company e tem de comprimento 112,20.m e de largura 13,53.m e 3:000 toneladas, com uma machina da casa Earle & S. B. Engineerning & C.a de Hull, da força de 3:000 cavallos. Esta machina tem todos os aprefeiçoamentos mais modernos, e permitte o andamento de 15 milhas por hora.

Este vapor de casco de ferro é de solida construcção o que não impede o ser um barco muito elegante, e as suas camaras e camarotes para passageiros são luxuosos e extremamente confortaveis.

A 1.a classe tem 24 camarotes com 72 logares e uma explendida sala de jantar de 12 metros, de comprido por 7 de largura sobre o convez. Esta sala tem duas mezas a todo o comprimento com logares para 100 pessoas, e é toda forrada de graciosos apainelados em marmore com ornatos dourados e guarnecida de janellas com vidros em que se vêem gravadas a fosco, as armas reaes portuguezas e o nome *Empreza Nacional*. Tem um piano.

Na 2.a classe tem camarotes com 96 logares e sala de jantar ao centro do navio.

A 3.a classe tem logar para 112 passageiros.

A commodidade, e luxo que este vapor offerece

em todos os seus compartimentos interiores faz esquecer que se está em um navio e sobre as aguas do oceano, isolado das commodidades da terra.

A viagem de experiencia realisou-se nas melhores condicções com o andamento de 15 milhas por hora. Foi uma viagem recreativa, animada por cerca de 200 pessoas que iam a bordo na mais alegre convivencia, executando a philarmonica da fabrica do sr. João de Brito bellos trechos de musica.

A partida do Tejo foi pela meia hora depois do meio dia e a chegada ás 3 horas e meia. N'este intervallo foi servido aos convidados um magnifico *lunche* fornecido pela casa Ferrari. Fizeram-se brindes, e entre elles o do sr. Costa Pinto á Empreza Nacional pelos grandes serviços que prestava ao paiz com a navegação para Africa, e á patriotica marinha de guerra e mercante. Do sr. Consiglieri Pedrozo á Empreza Nacional em nome da imprensa. Do sr. Bensaude á imprensa, ao commercio africano e a todas as pessoas presentes, do sr. Sarrea Prado ao progresso das nossas colonias. Todos estes brindes foram enthusiasticamente correspondidos.

Terminando esta noticia fazemos votos pelo engradecimento das colonias africanas e para que todos que lidam em tão patriotico empenho como a Empreza Nacional, prosigam na sua obra gloriosa para engradecimento da patria commun.

«O Grand-prix» — Foi o cavallo francez *Torpilleur* o que ganhou o grande *steeple* de Paris pelo que alcançou o premio de 30:000$000. O *Torpilleur* ganhou valentemente este premio, porque correu com treze cavallos, dos quaes sete inglezes.

Vê-se que em França se tem apurado a creação dos cavallos corredores, pois já por mais vezes tem cabido a victoria a cavallos francezes, quando d'antes só os cavallos inglezes triumphavam n'estes certamens.

Condes de Valenças. — O Figaro dá a seguinte noticia da chegada do sr. Conde de Valenças a Paris: Un grand seigneur portugais, M. le conte de Valenças, vient d'arriver à Paris avec sa famille. M. le conte de Valenças est pair du royaume et membre de l'Académie des Sciences de Lisbonne.»

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

«*Etudes sur les œuvres d'art de Raphael Sanzio d'Urbino au monastère de Refojos de Lima par Thomaz Mendes Norton commandeur de l'Ordre Royal de Notre Dâme de la Conception de Villa Viçosa, Gentilhomme de la Maison Royale, traduit du portugais par Louis Carloman Capdeville. Lisbonne Imprimerie National, 1888.* 1 vol. in-folio de 158 pag. e uma de erratas, illustrado com phototypias. A origem do mosteiro de Refojos perde-se na escuridão dos tempos sem que se possa fixar precisamente a data da sua fundação e a isto dá principal cauza o fogo, que por tres vezes tem assaltado o edificio, destruindo grande parte do archivo, com o que se perderam noticias sobre a sua fundação, assim como dos artistas que trabalharam nas muitas obras d'arte de subido valor que o mosteiro encerra.

O actual proprietario d'este extincto convento, o sr. commendador Thomaz Mendes Norton, dedicou-se com verdadeiro empenho ao estudo das obras d'arte d'este edificio e procurou descobrir quaes os seus auctores, para o que procedeu ás mais minuciosas investigações, quer compilando documentos e noticias publicadas e ineditas, quer escutando a tradição oral, fundou uma opinião sua de que no edificio collaboraram os celebres artistas Bramante e Raphael de Urbino, traçando e dirigindo o primeiro á famosa reconstrucção, devendo os quadros e azulejos preciosos, ser obra do segundo.

Isto faz suppor que aquelles artistas estiveram em Portugal, e se atendermos a que no nosso paiz se encontram outras edificações notaveis d'aquella época e em que evidentemente collaboraram artistas estrangeiros, podem-se acceitar as conclusões a que chega o sr. Norton, atribuindo a Bramante e Raphael de Urbino a sua cooperação no bello edificio do mosteiro de Refojos.

O Occidente publicou a pag. 17 e 19 do vol. IV de 1881 uma gravura e noticia d'este mosteiro, como uma das obras mais notaveis da renascença no nosso paiz.

A memoria do sr. Norton acha-se traduzida em francez, e é digna do maior apreço pelo grande trabalho de investigação que representa por parte do seu auctor, em fazer luz sobre as artes em Portugal, de que tão pouco se tem escripto.

Alvoradas de Abril — por D. João de Castro com cartas de Camillo Castello Branco e Thomaz Ribeiro. Typ. da Empreza Litteraria e Typographica, Porto, 1889. Por pouco que não vem em pleno abril o primoroso volume de versos do sr. D. João de Castro, mas parece que a demora não foi toda do poeta senão dos poetas a que elle pedio um prologo para o seu livro.

D'isso se desculpa Thomaz Ribeiro na carta que abre o volume quando diz: «Desculpe-me a falta em que incorro um pouco por sua culpa, que precipitou a publicação, um pouco por minha culpa que lhe não disse logo o que entendia, á espera de nos encontrarmos.»

A precipitação a que o insigne poeta se refere tambem é corroborada pela resposta de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro no principio da sua carta: «Ouvi lêr os versos que me enviaste. Pareceram-me a refulgente aurora d'um dia que ha de ser bello.»

Os mestres dizem isto e a sua valiosa critica deve animar o joven poeta, que é o primeiro a reconhecer o despretencioso da sua obra, chamando-lhe *primeiros versos*, e no delicioso *Preludio* com que principia.

«Estas trovas sem arte, tão singellas,
Onde resumo as illusões mais bellas
D'esta alma de rapaz,
São como as doidas aves prateadas
Quando cortam, as tellas azuladas
Do ceu, n'um vôo audaz!

São a expansão d'uma alma sonhadora,
Que inda adormece aos risos bons da aurora
E aos brilhos do luar;
E que, na paz das noites estrelladas,
Gosta de ouvir as intimas balladas
Que, ao longe, canta o mar!

São os lyrios singellos e viçosos
Que os meus dezesete annos jubilosos
Começam a espargir;
Como a suave luz que a madrugada
Envia á natureza socegada
N'um dulcido sorrir!»

AMAZONAS — Florida
(Segundo photographia)

AVISO

Com este numero é distribuido a todos os srs. assignantes e correspondentes um supplemento gratis — **Panorama da Exposição de Paris e Torre Eiffel**.

Tambem tem direito a este supplemento gratis todas as pessoas que se inscreverem assignantes do Occidente no corrente anno.

Avulso este supplemento custa 200 réis.

Adolpho, Modesto & C.ª—impressores
25 a 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 a 43

SUPPLEMENTO AO N.º 378 DO OCCIDENTE

21 DE JUNHO DE 1889

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1889

Panorama da Exposição no Campo de Marte e Torre Eiffel

(Segundo uma photographia)